

Francis Carsac.

La Voix du Loup - 1960

I

A luz do alerta vermelho acendeu, apagou, voltou a acender definitivamente. Arrancado do sono em que havia caído na monótona vigilância da tela do hiper-radar, Jean Michaud sacudiu a cabeça, afugentando as últimas brumas do sono. Sobre o fundo fluorescente, entre umas manchas pequenas, reflexos de poeira cósmica, acabara de aparecer um ponto mais claro. Com um gesto rápido, Michaud baixou a alavanca do comunicador.

- Contato, comandante!

- Certo!

Um minuto depois o comandante Olivarez estava ali. Pequeno, moreno, o rosto magro e largo, dividido em dois pela sombra de um grosso bigode que a navalha não conseguia apagar, contrastava notavelmente com o jovem alferes da nave, que com sua corpulência e sua estatura elevada - um metro e noventa - esmagava o assento de metal.

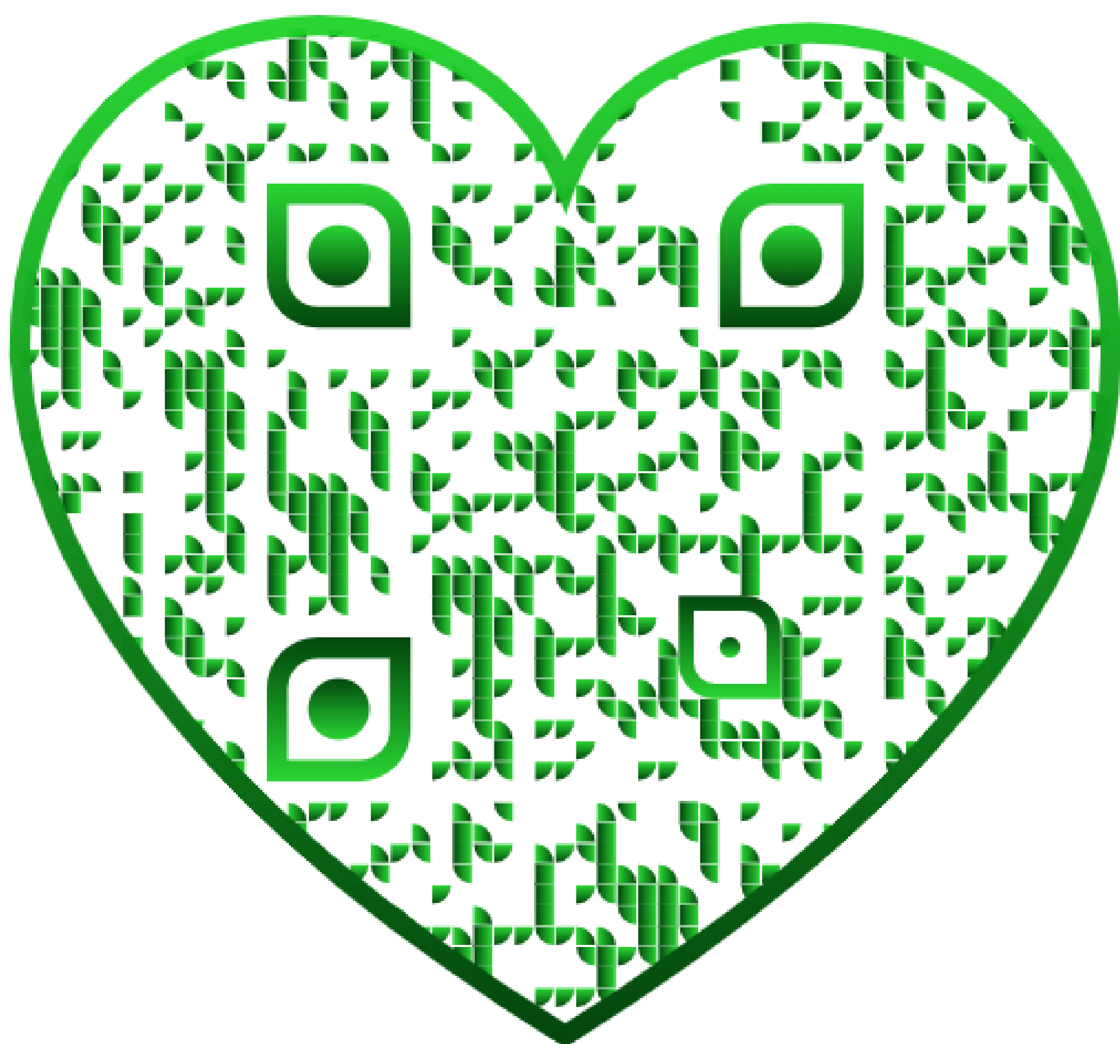
- Quanto tempo faz que teve o contato?

- Eu chamei imediatamente, comandante. Estamos no alcance máximo.

- Cem milhões de quilômetros! Isso nos concede algum tempo, se for alguma coisa além de um asteroide ou um cometa. A esta distância o telescópio não nos servirá para nada. Nenhuma ideia sobre sua trajetória, certo?

- O Fixascópio não indica nada por enquanto.

- Bem, não o perca de vista.



Michaud vacilou por um segundo

- Vamos ao seu encontro, comandante?

Olivarez não costumava discutir suas decisões com seus subordinados, mas desta vez fez uma exceção.

- Ainda não sei. No setor em que hoje nos encontramos não há colônias nem raças não humanas conhecidas. Um explorador? Nos asseguraríamos disto de imediato emitindo uma mensagem, mas prefiro abster-me, caso se trate de uma nova raça. Se seus radares não forem tão bons como os nossos, poderíamos nos aproximar o suficiente para utilizar o telescópio antes que ele nos localize...

- Neste caso, por que não tentar o comprimento de onda do código do Serviço? Se eles não são dos nossos, há poucas chances de que estejam nesta frequência.

- Ora, Michaud! Nós temos um monitor que escuta em todas os comprimentos práticos. Eles podem fazer o mesmo!

- Bem, comandante, quantas de nossas expedições encontraram raças não humanas até agora?

Olivarez era um xenólogo de renome ao mesmo tempo que comandante da nave exploradora A Fulgurante.

- Dezessete, mas nenhuma neste quadrante.

Ao ficar sozinho, o jovem alferes concentrou sua atenção nos aparelhos. O ponto luminoso parecia imóvel. Michaud ativou a tela de visão. Não esperava ver a astronave estrangeira, supondo-se que se tratava de uma astronave, pois estava longe demais. Abaixo, à esquerda, velada pelo foto-compensador automático, cintilava a estrela cujo sistema acabavam de explorar e no centro, o quarto planeta, seu objetivo, flutuava majestosamente no espaço, uma pequena mancha redonda esverdeada.

- Que diabos eles fazem no continuum, tão perto de um mundo? Se são dos nossos, podemos dizer adeus a metade do prêmio de descobrimento... E se forem estrangeiros... Estão vindo na qualidade de exploradores ou já estão em sua casa?

A agulha do Fixascópio oscilou, avançou ligeiramente para a direita.

- Caramba! Estão vindo em linha reta direto para nós, me parece! Comandante, é uma astronave!

O voz metálica do aviso "todos aos seus postos" apagou o ruído de fundo produzido pelo zumbido das máquinas. Um instante depois, um jovem ruivo e magro deixou-se cair sobre o assento da esquerda: Jerry Dahl, o telemetrista-radar que Michaud havia descoberto. Dez segundos mais tarde, o oficial de tiro, Boris Ivanov, sentava-se à direita, após haver fechado a porta do compartimento estanque. A equipe do posto I estava completa.

- O que você localizou, Jean? Um estrangeiro ou um companheiro que quer nos roubar o prêmio?

As longas mãos delgadas e cobertas de manchas avermelhadas moviam-se sobre os manetes com uma destreza que Michaud não teria podido igualar.

- Isto é o que eu gostaria de saber!

Metalizada pelo comunicador, a voz de Olivarez interrompeu a conversa:

- Acabamos de emitir o sinal de reconhecimento. É quase certo que fomos localizados, mas não podemos esperar uma resposta antes de dez minutos. A probabilidade de que se trate de uma nave estrangeira é elevada. Acabo de ler as instruções que nos deram no momento que saímos da base: nosso camarada mais próximo, a Antares, encontra-se a uns cem anos luz de nós.

Poucos de vocês já participaram de um primeiro contato. Devo lembrá-los que o sangue frio e a disciplina são as qualidades mais indispensáveis. Todo o futuro das relações entre os homens e as outras raças pode depender do que acontecerá nos

próximos minutos. Ninguém deve disparar sem uma ordem formal, mesmo que seja sob fogo, mesmo que sejamos atingidos. A partir do momento em que soar o alerta vermelho nos postos de combate, quero todo mundo de traje espacial interno. Que ninguém se esqueça. Nada de idiotices a esse respeito. Eles não atrapalham, foram concebidas especialmente para isto e lhes darão tempo para se acostumar aos verdadeiros trajes, se por infelicidade precisarem. Nada mais. Telemetrista, sua informação!

- Direção 000, distância 98 milhões. Velocidade 5.000 quilômetros por segundo, composição radial. Velocidade tangencial desconhecida - cantou Jerry Dahl.

- Oficiais de tiro, informação!

- Tubos 1 e 2 carregados, cabeças termonucleares, tubos 3 e 1 carregados, cabeças atômicas, tubos 5 e 6 carregados, cabeças químicas - respondeu Ivanov.

- Tubos 7 e 8 carregados, cabeças termonucleares, tubos 9 e 10 carregados...

Sucessivamente, os seis postos de tiro desenrolaram sua litania de morte.

- Direção 000, distância 97 milhões 900 milhas, velocidade radial 6.000 quilômetros por segundo...

- Não resta dúvida de que nos viram - murmurou Michaud.

- Seu primeiro combate? - interrogou o russo.

- Sim. E você?

- Três... contra os Kzlils...

Com um gesto irritado, Dahl lhes impôs silêncio. Uma brusca pressão os colou aos encostos dos seus assentos: A Fulgurante acelerava a 2g. Transcorreram os minutos, silenciosos e então os alertas entrecortados os sobressaltaram. O alerta vermelho, que precedia a campainha da estação de combate.

Michaud saltou, mas Ivanov já o havia precedido. Tirou do armário metálico três trajes leves que lhes permitiriam suportar a descompressão, se não fosse muito brutal, durante o tempo que precisariam para colocar os trajes espaciais. Fixaram sobre seus rostos as máscaras de oxigênio e voltaram a ocupar seus postos, enquanto Dahl se vestia por sua vez.

O alto-falante clamou:

- Resposta recebida. O idioma é completamente desconhecido. Meus filhos, vamos ter a honra de um primeiro contato! Alferes Michaud, o tenente Caccini vai substituí-lo. Apresente-se imediatamente ao posto de comando...

- Patife, você vai poder ver tudo!

- …e traga seu traje espacial.

Um couro de risadas estourou em toda a astronave àquela última recomendação. Michaud não teria podido vestir outro traje espacial que não fosse o seu.

- Direção 3 graus. Leste. Distância 95 milhões. Velocidade 7.000 quilômetros por segundo.

A meia-voz, Dahl acrescentou:

- Está manobrando. Para abordar-nos ou para evitar-nos? Boa sorte e até logo. Assim espero!

Quando Michaud entrou no posto de comando, Olivarez já o esperava ali, rodeado por seu estado maior: o primeiro tenente Ali Kemal, o segundo tenente Terai, cuja indolência polinésica não ocultava de todo sua energia, Horqarnaq, o mecânico chefe, barrigudo e risonho, e dois civis, Herr Doktor Müller, o linguista, e Oumbopo, o astrônomo cafre, o único que por sua estatura, já que não por sua corpulência, podia rivalizar com a alferes de nave a bordo da Fulgurante.

- Eu lhe mandei chamar, Michaud, porque segundo sua ficha você escolheu a linguística como especialidade. A partir deste momento, e pelo tempo que seja neces-

sário, você fica às ordens do doutor Müller.

- *Ach,* meu jovem amigo, onde você estudou e com quem?

- Na academia astronáutica de Reganne, com o professor Vandenberg.

- Perfeito, perfeito! Vandenberg é um dos meus antigos condiscípulos e eu gosto muito dele, apesar de que às vezes não estejamos de acordo na tradução dos rolos das cidades mortas de Alpha-Polaris III. Venha comigo, você ouvirá o registro da mensagem que recebemos em resposta à nossa.

Passaram à saleta que era o domínio do Herr Doktor.

- Sente, sente! Os alunos dos meus amigos são meus amigos! Eis aqui a mensagem.

Do magnetofone surgiu uma voz cantante:

- *Anéo'iditélékrantchaboetélé ansitélékranchatéoutélalou hinéto betéoersiteriskaridoro.*

- Três palavras, ou talvez três frases, que não conseguimos decompor. Não entendo nada.

- Nem eu tampouco, meu querido, nem eu tampouco! Teufel, seu comandante, nos toma por bruxos. Se tivéssemos mais palavras, e algumas imagens, talvez conseguíssemos alguma cosia. *Mein Gott!* Quando penso em todas as burradas que se podem ouvir sobre a decifração de idiomas desconhecidos! Olhe, tenho aqui uma história de um autor cujo nome não lhe direi porque é muito conhecido. Pois bem, nesta história, uma das nossas astronaves chega a um planeta, a tripulação encontra umas inscrições e hop! em três páginas, o linguista de bordo lê corretamente os textos. Você deve ver! Tome esses famosos rolos de Alpha-Polaris. Estamos certos de que a linguagem é do tipo da dos Klens montanheses. Pois bem, onde seu mestre, meu amigo Vandenberg, lê: Eu, Akka, Rey, fiz um sacrifício aos deuses, eu leio: Eu, Akka, Rei, tomei uma nova concubina, Rá, rá, rá! Engraçado, não é verdade! E eu estou certo de que tenho razão. Segundo seus baixo relevos, os proto-klens eram um bando de sátiros. E Vandenberg é puritano demais. Voltemos ao posto de comando, *volen sie?* Talvez haja alguma novidade.

Oumbopo regulou minunciosamente o grande telescópio. Situado na parte dianteira da astronave, e destinado a estudar de longe os sistemas visitados antes de se aproximarem deles, o aparelho, provido de um amplificador eletrônico, permitia ampliações fantásticas. Mas sobre sua tela só se via uma pequena mancha luminosa sem forma definida.

- Temos que esperar, comandante - disse o astrônomo negro, com sua voz de baixo africana, vibrando mais surdamente que uma voz europeia.

Esperaram, o silêncio sendo interrompido unicamente pelas informações dos telemetristas e pelo "sem novidade, comandante" dos operadores de rádio que tentavam inutilmente estabelecer contato com "os outros".

Tudo estava silencioso a bordo da Fulgurante. Encerrados nos compartimentos estanques, os homens esperavam a ordem que desencadearia os projéteis a fusão, ou, ao contrário, terminaria com o preparativo de combate. Fora, atrás do delgado casco, oh! tão delgado agora, as estrelas furavam a escuridão do espaço com suas luzes sem lampejos, e longe, abaixo da astronave, girava o planeta desconhecido que tinham vindo reconhecer em nome da humanidade e que "os outros" iam talvez disputar-lhes. Até agora a expansão humana no cosmos havia sido pacífica, com a breve interrupção dez anos antes, pela guerra Kzililiana.

Um comunicador zumbiu. Olivarez empunhou o receptor.

- Comandante, agora temos certeza de que o planeta não emite forma alguma de energia além das energias naturais. Nem rádio, nem ondas de Kolback, nem radioati-

vidade, salvo a normal.

- Portanto este mundo carece de vida inteligente, ou pelo menos de civilização industrial.

- A não ser, comandante, que nos tenham localizado e que estão se fazendo de mortos...

- Uma civilização não se faz de morta como uma foca, Horqanaq. Além disso, no momento de nos aproximarmos tampouco emitimos nada. O ruim é que se esta Terra do céu é virgem para nós, também é para eles.

Com um gesto, apontou para a pequena mancha luminosa na tela. Havia aumentado, evidentemente.

Oumbopo regulou o telescópio.

- Agora se vê uma forma!

- Se é que se pode chamar isto de forma...

- Não é dos nossos, nem dos Klens, nem dos Hopolpops, nem dos Sinerios, nem dos...

- Não precisa recitar a série toda, Kemal - interrompeu Terai. - É uma coisa nova, com efeito.

- Provavelmente são menos tradicionalistas que nós, ou que qualquer outra raça que conheçamos...

- Efetivamente! No entanto nós temos conservado para nossas astronaves o aspecto esterno dos modelos primitivos, cônico ou esférico...

- Algo desse tipo havia sido proposto em outros tempos, quando nossos antepassados pensavam em poder conquistar o espaço com foguetes atômicos...

- Era menos complicado!

O aparelho desconhecido desenhava-se agora claramente sobre a tela. De uma parte central em forma de globo partiam estruturas radiais, como as espinhas de um ouriço, cada uma delas terminada em uma espécie de pá. Não havia nenhum meio de propulsão visivel.

- Eles devem usar o cosmo-magnetismo, como nós...

- Comandante, comandante! Contato televisivo!

O grito do oficial de comunicações interrompeu os comentários. A tela do televisor se havia acendido, percorrida por vivas iridescências. Tensos, os homens limitaram-se a olhar. As iridescências iam se ordenando e, durante uma fração de segundo, apareceu uma imagem.

- Vocês viram?

- Sim, seriam...

- Os primeiros humanoides localizados!

- Impossível! Com uma imagem tão fugidia, nossos olhos...

- Em todo caso, eles estão tentado contato...

- Ou uma emissão equivocada...

- Com seu nível técnico? E para quem...?

- Está voltando.

A imagem firmou-se na tela. Surgido das profundezas do espaço, um rosto os olhava, um rosto humano! Claro, não podia pertencer a nenhuma raça terrestre. Sob uns longos cabelos de um verde dourado, a fronte alta, lisa, estreita, dominava sobre os olhos estranhos de cor violeta, amendoados, olhos oblíquos, hiper-asiáticos. O nariz, reto e fino, a boca mediana, sem prognatismo, a pele de um moreno claro, cálido, acobreado. O pescoço era longo e gracioso, as orelhas pequenas mas carnudas, o rosto triangular, as comissuras da boca, ligeiramente voltada para cima, davam-lhe um ar de ironia amável.

- Meu Deus, como é formosa! - O grito escapou de Michaud.

- Mas, é uma mulher?

- Olhe bem! Além disto, aí está um homem!

Uma segunda personagem acabara de aparecer. Um pouco mais alto, de feições mais duras, mas com as mesmas características raciais.

- Transmita agora - ordenou Olivarez. - Que eles vejam que nós também somos humanos.

- Não vamos lutar contra eles, comandante?

- Não se eu puder evitar! Fotografem tudo que virem do seu posto de comando!

Por trás dos desconhecidos, todo um painel formigava de aparelhos, familiares em sua raridade. O homem manipulou uns comandos e acendeu-se uma tela na qual apareceu a imagem dos oficiais da Fulgurante.

Olivarez situou-se diante do transmissor e, com as mãos estendidas para a frente, declarou lentamente:

- Saudamos os nossos irmãos do espaço! Nós viemos em paz!

II

- *Ilia olenga aritsuno teb irig'no*... não... errei..., *irieg'no*

O idioma estrangeiro, o idioma dos "outros" acudia quase que naturalmente aos seus lábios. Fazia três meses que A Fulgurante orbitava ao redor do planeta e a astronave estrangeira fazia outro tanto. Com um acordo, a princípio tácito e depois claramente definido, os dois comandantes haviam decidido esperar que a barreira linguística fosse eliminada antes de aterrizar e estabelecer contato. Na Fulgurante, Müller e Michaud deviam atuar como intérpretes. Entre os "outros", a jovem e seu irmão desempenhariam o mesmo papel.

As coisas tinham progredido lentamente. Apesar da ajuda das imagens transmitidas por televisão, não era fácil para as duas raças, duas civilizações completamente estranhas, compreenderem-se. As palavras concretas, relacionadas aos atos simples, haviam sido rapidamente assimiladas pelas duas partes. Mas, se bem seja fácil dizer: "Me sento na cadeira", é mais delicado expressar abstrações, sentimentos. Por sorte, a "humanidade" dos estrangeiros parecia estender-se à sua psicologia e não havia dúvida de que seriam escritas muitas teses sobre os dois mundos a propósito da inverossímil coincidência que havia produzido evoluções tão paralelas na Terra e em Elalouhin. A evolução estendia-se ao número dos cromossomos e provavelmente também aos genes e à bioquímica, o que induziu Brian O'Hara, um dos biólogos da Fulgurante, a expressar a opinião de que um matrimônio misto seria sem dúvida fecundo.

O estudo do idioma Elalouhini havia sido difícil e ingrato, e sem a poderosa ajuda do ancião e filólogo alemão, Michaud não teria conseguido falá-lo em tão pouco tempo. Ilia, a jovem estrangeira, havia tido menos trabalho para dominar o espacial, voluntariamente simplificado em sua sintaxe, se não em seu vocabulário.

- Ilia, me sinto feliz ao pensar que logo poderei cumprimentá-la pessoalmente - disse Michaud. - Estou certo de que esse encontro beneficiará imensamente nossas duas raças, tão distantes e tão próximas ao mesmo tempo.

- Eu também me sinto feliz. Recorda dos seus temores, Jean?

Michaud riu de boa vontade. Quando puderam trocar algumas frases, havia-se interessado pela estatura de Ilia, temendo que ela fosse uma gigante de dez metros de altura ou uma anã de trinta centímetros. Nada permitia estabelecer, a priori, a escala dos objetos ou dos seres que apareciam na tela do televisor. Mas a partir da medida da nave estrangeira e de uma indicação das relações de magnitude, havia deduzido, com uma sensação de alívio, que os Elalouhinis se adaptavam bem às normas terrestres. Ilia media em torno de 1,73m e seu irmão media 1,80m.

Toda ameça de conflito parecia descartada. Os Elalouhinis faziam uma viagem de exploração, muito além do limite normal de sua expansão, e não tinham a intenção de colonizar aquele planeta que era muito distante. Formavam, a mais de 600 anos-luz da zona terráquea, uma vasta confederação pacífica de povos, dos quais nenhum era humanoide

- Aterrizaremos amanhã, Ilia. Já sabia?
- Sim. Nós faremos o mesmo, a quinze eltons... quer dizer, a uns dez quilômetros, segundo as medidas de vocês. E depois de amanhã...
- Depois da amanhã, o grande encontro! As duas raças humanas da galáxia finalmente reunidas, entre tantos não humanos!
- Entre nós existe uma antiga profecia que diz que um dia encontraremos nossos irmãos "no caminho das estrelas". Antecipação de um vidente, ou pura coincidência? Teremos muitos conhecimentos para trocar. Nós aprendemos muito. O paralelismo do nosso desenvolvimento cultural, ao mesmo tempo que o físico, projetará, sem dúvida, um grande esclarecimento sobre as profundas causas da evolução...
- Só uma coisa me entristece, Ilia. Depois desta reunião, teremos que voltar a nos separar. Quem sabe quando nos veremos novamente? Sou oficial e tenho que obedecer ordens...
- Não esqueça que agora você fala nosso idioma e que o reclamaremos como oficial de contato.
O rosto de Michaud se iluminou.
- Você gostaria de voltar a me ver?
- Talvez. Mas não estaríamos muito distante de vocês, com nossos costumes diferentes, com nosso hábito de comer a carne crua...?
- Nossa raça inclui numerosas civilizações, como vocês as tiveram no passado. A bordo da Fulgurante estão representados onze povos, e aprendemos a nos respeitar mutuamente, embora nem sempre nos compreendamos totalmente. E, depois de três meses nos vendo e conversando diariamente entre nós, após vencermos juntos as dificuldades idiomáticos, me sinto tão próximo de você como da maioria dos meus companheiros de bordo, talvez mais próximo que à maioria deles.
Ilia enrubesceu levemente.
- *A biltuerenga, e ten, erenga know bilto etil.* A amizade nasce das palavras amáveis e a amizade faz pronunciar a palavra. Até amanhã, Jean, e desta vez face a face...
Uma vez cortada a comunicação, Michaud ficou pensativo. O que Ilia tinha querido dizer com aquele ditado? Consultou suas numerosas notas. *bilto etil:* pronunciar a palavra. A Palavra, com P maiúsculo. A palavra que, pronunciada publicamente, comprometia. O equivalente Elalouhini do "sim" sacramental. Estava apaixonada por ele e propunha-se a passar por cima da barreira de centenas de anos luz? O'Hara afirmava... Ao diabo! Ele não estava apaixonado por Ilia. Ou sim? Falava dela o suficiente para que houvesse se transformado no objetivo das brincadeiras dos tripulantes da Fulgurante. Bem, afinal de contas o que havia de mal nisto? Se as duas raças eram tão semelhantes como parecia, os matrimônios mistos seriam inevitáveis. E ele seria o primeiro, simplesmente...

Mal teve tempo de pensar em seu problema e chegou o dia seguinte. Olivarez o encarregou de dirigir a expedição que aterrizaria no "Encontro", nome que se havia dado ao planeta. As informações das equipes de ecólogos e de biólogos enviados na vanguarda, quando se soube que o contato das duas raças seria pacífico, eram todas favoráveis: meio muito semelhante ao meio terrestre, nenhuma bactéria ou vírus que a multi-vacina não pudesse combater.
Estabeleceram seu acampamento ao pé de uma colina, perto de um lago alongado e estreito, cujas margens eram frequentadas por pseudo aves aquáticas. Por todos os outros lados estendia-se até o infinito uma planície ondulada, coberta de altas gramíneas e cortada por cortinas de árvores. No meio da tarde a esfera dos Elalouhi-

nis desceu na outra extremidade do lago. Um breve contato telefônico confirmou a presença de Ilia e do seu irmão.

Os barracões provisórios foram montados rapidamente. Havia-se acordado que o encontro teria lugar no dia seguinte, no acampamento terrestre, às nove da manhã, hora local, na presença dos dirigentes das duas partes. Tudo parecia deslizar suavemente.

O drama explodiu às cinco da tarde. Meia hora antes, três jovens astronautas se haviam apresentado a Michaud pedindo-lhe autorização para pegar uma veículo leve e se dirigirem para o lago para comprovar se existiam aqueles peixes que os biólogos haviam localizado e que, depois de uma série de testes, haviam feito as delícias da tripulação e dos oficiais. O acampamento estava quase instalado e não existia motivo algum para negar a permissão. Michaud limitou-se a lembrá-los que não deviam tentar encontrar os Elalouhinis.

Os três jovens partiram.

Exatamente às cinco horas, o ruído distante de uma pistola lança-foguetes sobressaltou o alferes da nave. Mas ele então encolheu os ombros: o foguete explosivo na água era o melhor sistema de pesca, quando não havia regulamentos contra, nem guardas encarregados de aplicá-los. Entretanto, como havia ouvido quase que simultaneamente um sibilo particular, penetrante, pegou seus binóculos e esquadrinhou as margens do lago. Longe, atrás de um bosquesinho, na direção da esfera, o veículo regressava.

"Imbecis! Foram espionar os Elalouhinis, apesar da minha proibição - pensou Michaud. - Um mês de cadeia clareará suas ideias sobre desobediência. O mínimo que posso aplicar-lhe é de três dias, e com o velho "Dez vezes mais" Olivarez, ninguém lhes tiraria um mês..."

O veículo aproximava-se ziguezagueando. Inquieto, focou seus binóculos. Um homem ao volante, somente um! Os outros assentos estavam vazios.

Maldição! - exclamou Michaud. - Que aconteceu?

Temia pelo pior.

Lá em baixo, o auto havia girado brutalmente à direita, cravando-se em um matagal. Os quatro homens subiram rapidamente no veículo e rodaram à velocidade máxima.

Um homem estava caído de bruços sobre o volante, ou melhor, um trapo em forma humana. A carne do rosto aparecia descolada, particularmente ao redor dos olhos, como se o houvessem descarnado com arranhões. Outros profundos rasgões apareciam em baixo das roupas destroçadas, e o sangue fluía abundantemente de uma ferida na garganta.

- Meu Deus! Brigaram com gatos?

Michaud levantou a cabeça do ferido.

- E os outros? Onde estão os outros, Abdul?

Um olho abriu-se penosamente.

- Mortos... atacados... os macacos... Lá...

Uma contração espasmódica e Abdul morreu.

- Craig, leve-o. O veículo não tem nada. Os outros me acompanharão.

Seguiram no sentido contrário da pista que o veículos havia deixado nas ervas.

"Já entramos na dança - pensou Michaud, desesperado. - A guerra! Por que aberração chegaram a se atacar? Atacados, disse Abdul. Os "outros" teriam representado a comédia do pacifismo para melhor esmagá-los? Se fosse o caso, por que esta ridícula e trágica escaramuça que só havia servido para provocar o alarma?

Michaud freou brutalmente e pegou o comunicador.

- BX3 a FC4. BX3 a FC4. Urgente. Urgente. Urgente. Fala Michaud. Chamando A Fulgurante. Chamando A Fulgurante. Alerta vermelho! Alerta vermelho! Abdul, Hermann, Kemp, assassinados pelos "Outros" (de uma forma completamente natural, acudia aos seus lábios a antiga denominação que fora abandonada a favor de Elalouhinis). Vou investigar o terreno.

- Aqui Olivarez. Que está acontecendo, Michaud? Não perca o sangue frio. Ainda não temos nenhuma prova de hostilidade. A astronave Elalouhini não se moveu. Deve tratar-se de um erro. Não estabeleça contato direto. Estou enviando a chalupa número dois como reforço. Volte a me chamar quando souber alguma coisa.

Desfilavam entre as altas ervas que se deitavam sob o veículos com um suave ruído. Chegaram ao local da luta.

Nada, ou quase nada, restava de Hermann: um cadáver literalmente destroçado, sem cabeça, e cuja mão ainda empunhava a pistola lança-foguetes. Sobrava muito menos de dois Elalouhinis, que haviam recebido o projétil à queima-roupa. Um terceiro jazia com a boca para cima com a garganta aberta, no meio de um charco de sangue vermelho, de sangue humano. Um quarto cadáver repousava meio afundado na erva, com uma estranha arma na mão, uma parte do rosto arrancada e uma longa faca regulamentar plantada no ventre. Kemp, feito uma bola, já não se movia.

- Três homens, quatro Elalouhinis! Sete cadáveres! Mortos, tanto uns como outros. Vamos, regressemos.

- Não vamos levar os nosso, comandante? - perguntou Carrere.

- Não. Se tiver sido um erro trágico, é preferível deixar tudo como está para a investigação comum. Se for a guerra...

Deixou a frase sem terminar.

- O comandante me encarregou de chamá-lo urgentemente - disse o tripulante que Michaud havia deixado na escuta.

- É você, Michaud? Acabamos de receber uma mensagem dos Elalouhinis. Eles solicitam que você se ponha imediatamente em contato com sua base avançada. Faça isto, mas deixe o canal aberto de modo que eu possa seguir a conversa. Fale em espacial!

- Entendido.

Na tela se desenhou o rosto pálido e triste de Ilia. Atrás dela, seu irmão Ehiho permanecia de pé com os braços cruzados sobre o peito, o rosto duro e fechado.

- Jean, como é possível que seus homens tenham atacado os nossos? Viemos em paz e você sabe disto. Que selvageria! Nossos homens, destroçados!

- Você não viu os meus! Tiveram algum sobrevivente: Gostaria de ouvir sua história. Entre os nossos não sobrou nenhum.

- Então ninguém saberá o que se passou. Mas eu lhe asseguro que nossas ordens eram concretas. Em caso de um encontro fortuito, manter uma atitude distante, mas amistosa.

- Também entre nós as ordens eram concretas. E então?

- Então, há algo que não compreendemos.

- Eu tampouco compreendo. O que você propõe?

Ehiho se adiantou.

- Enquanto não soubermos o que aconteceu, considero imprudente seguir com nossos planos anteriores. Não haverá entrevista amanhã no acampamento de vocês. Mas você está disposto a encontrar-se comigo, sozinho, no meio do caminho? Ainda restam algumas horas de plena luz.

Michaud lançou uma olhadela para a tela que recebia as emissões da Fulgurante.

Olivarez inclinou a cabeça afirmativamente.

- De acordo. Mas você compreenderá que eu deseje tomar precauções. Não levarei arma alguma, nem visível nem oculta. Sugiro que você faça o mesmo e que reduzamos nossas vestimentas ao mínimo possível. A zona da clareira que se encontra quase no meio do caminho, perto do lago, poderia convir, em minha opinião.

- Aceito. Vou me preparar.

Ehiho desapareceu da tela.

- Jean, eu lhe asseguro que tem que existir um terrível mal entendido. Nós não desejamos a guerra!

- Nós tampouco, Ilia - disse Michaud, em tom mais grave. - Eu lhe prometo que faremos tudo que estiver ao nosso alcance para que o mal entendido se dissipe. Até a vista...

Interrompeu-se antes de dizer: querida.

III

Michaud deteve seu veículo e desceu. A zona estéril estendia-se diante dele e a aproximadamente quatrocentos metros deteve-se o bojudo veículo que transportava Ehiho.

Michaud andou lentamente ao seu encontro. O vento do entardecer banhava de frescor a pele desnuda do seu torso e das suas pernas. Lá longe, o Elalouhini não era mais que uma silhueta cuja agilidade ele admirou. Ehiho também estava quase nu e Michaud pôde ver que embora fosse menos alto e menos maciço que ele próprio, possuía uma musculatura que muitos atletas teriam invejado. Chegaram a trinta metros de distância um do outro e, simultaneamente, se detiveram. Surpreso, Michaud notou que seus pelos se eriçavam.

"Absurdo! - pensou - Trata-se de Ehiho, com o qual eu conversei uma centena de vezes pela televisão e que, em muitos conceitos, está mais perto de mim que muitos dos meus camaradas. Ele é o irmão de Ilia..."

Mas voltou a empreender a marcha com uma estranha repugnância e se deu conta, com espanto, de que seu passo havia se transformado em um passo de fera em uma emboscada, de um caçador paleolítico. Apesar de si mesmo, seus músculos se tensionaram, seus olhos adquiriram a mobilidade de uma fera. Encontraram-se cara a cara.

Michaud teve tempo de entrever um sorriso crispado nos lábios de Ehiho, e logo o ódio apoderou-se dele no mesmo instante em que o rosto do outro ficava desfigurado por um espantoso rictus de combate. Michaud saltou, com as mãos abertas para estrangular.

O Elalouhini esperou-o a pé firme, lançando seu punho que se abateu contra o peito do alferes de nave, arrancando-lhe uma exclamação de surpresa e de dor. Ao mesmo tempo seu punho saía disparado. Com uma alegria feroz, percebeu o ruído surdo sobre a carne. Tudo no outro era odioso agora, sua cor, sua voz, seu hálito que chegava-lhe entre dois golpes, seu cheiro a carne crua e viva. Somente uma ideia, um só desejo o possuía: matar, arrancar, esmagar, matar, matar, matar...

E enquanto lutava assim, com todos seus sentidos orientados para a destruição, uma parte da sua consciência permanecia desperta nele, como um espectador impotente, dizendo-lhe que estava tentando destruir Ehiho, seu amigo Ehiho, o irmão de Ilia. Ehiho, que havia vindo ao seu encontro para esclarecer o trágico mal entendido.

Sangrava agora pelo nariz e pela boca, os lábios esmagados. O Elalouhini, menos forte, era provavelmente melhor treinado para a luta, mas um formidável golpe em pleno rosto o fez cambalear e Michaud aproveitou a ocasião lançando-se a um corpo a corpo. Sua mão direita agarrou a garganta do outro, enquanto que a esquerda protegia seu próprio pescoço. Ehiho havia conseguido segurar seu pulso, diminuindo assim a força do seu ataque. Rapidamente, Michaud soltou a garganta de Ehiho e, aproveitando-se da surpresa, esmagou o braço do seu adversário com uma joelhada. Então voltou a agarrar o pescoço de Elalouhini. Uma série de violentos golpes na ca-

beça, que alguem lhe propiciava por trás, não o fizeram desistir do seu sinistro desígnio

Ehiho opunha cada vez menos resistência. Uma voz gritava ao ouvido de Michaud palavras que o alferes não ouvia.

- Morte aos macacos! - uivou triunfante.

Morte aos macacos? Subitamente recobrou a consciência. Que havia dito Abdul antes de morrer? Uns macacos...

A voz agora era clara.

- Jean! Jean! Não me obrigue a disparar!

Levantou a cabeça, afastando os olhos do inimigo meio estrangulado. Ilia estava diante dele, com o rosto sulcado por lágrimas, apontando-lhe uma estranha pistola. Michaud endireitou-se cambaleando. Ilia. O que ela estava fazendo ali? Não podia deixar que um homem suprimisse um macaco?

Ehiho ergueu-se lentamente e atacou. Com um murro bem dirigido enviou Michou rolando pelo chão, onde não se moveu.

- Parta, Jean, parta agora! Agora eu compreendo tudo! Parta, antes que eu experimente um grande desejo de matá-lo. Parta, pelo que for mais sagrado para você! Oh! e nós havíamos esperado tanto por este encontro!

Michaud contemplou-a, estupefato. Era Ilia, tal como a havia visto tantas vezes na tela, tal como havia esperado estreitá-la um dia em seus braços. E, entretanto, toda uma parte da sua mente pensava sobre uma possibilidade de fazê-la vítima de uma artimanha que a desarmasse, transformando-a em uma presa fácil de eliminar...

- Jean, Jean, por favor!

Com uma terrível força de vontade, deu meia volta e pôs-se a andar para seu veículo

- Adeus, Ilia! - murmurou.

Antes de tomar o caminho, dirigiu um último olhar para trás. Ilia arrastava seu cambaleante irmão para seu próprio veículo, o qual se pôs em movimento e desapareceu no crepúsculo.

Quando chegou ao acampamento, seus homens deram um grito ao vê-lo.

- Rápido! Regressemos à Fulgurante. Não haverá entrevista, não, nunca, nunca! Não desmontem as barracas, não resta muito tempo, limitem-se a recolher o material mais valioso. Não, vocês me entenderão depois, tenho que apresentar meu relatório o mais breve possível.

- E isto é tudo, comandante - concluiu. - Compareci ao encontro com a ideia de esclarecer o mistério, cheio de sentimentos amistosos para Ehiho, e quando o vi eu me senti possuído pela vontade de matá-lo. Se Ilia não chegasse a intervir, um de nós dois teria ficado ali, talvez os dois.

- Voltem imediatamente. A esfera dos Elalouhinis chegou à sua astronave. E se tiver que haver luta, precisarei de todos meus homens. Se for preciso abandonem o material.

- De acordo, comandante.

- Mas façam com que tratem dele. Seu aspecto não está muito agradável.

Quando Michaud entrou no posto de comando, o estado maior e os cientistas estavam reunidos ali.

- Todos nós ouvimos seu informe, alferes Não tenho motivo algum para duvidar a sua palavra. Se alguem a bordo estava bem predisposto para com os Elalouhinis, era você. Isto faz ainda mais incompreensível sua conduta, e a de Ehiho...

- Eu a compreendo, comandante - afirmou uma voz grave.

Todos se voltaram para Fedorov, o biólogo.

- O que é que você compreende? Esse ódio súbito e inextinguível, essa raiva assassina para uns seres tão parecidos conosco, e que ninguém havia experimentado nunca contra os Kzlils?

- Precisamente, comandante! Eles parecem conosco, mas não são nós! Eu tenho vivido na taiga siberiana, onde meu pai e minha mãe eram etnólogos. Tive um lobo domesticado... Timour... Vivíamos em uma cabana isolada, nos bosques...

Interrompeu-se por uns instantes e ninguém tentou apressá-lo. Fedorov falava como queria e quando queria.

- Abdul compreendeu antes de morrer, Michaud. Lembra das suas últimas palavras? Macacos, e Alá. Isto não lhe diz nada? E o seu próprio grito: morte aos macacos? Nada? De acordo. Eu tive um lobo domesticado, lá em baixo, faz muito tempo, no norte de Iakutsk. Chamava-se Timour. Eu o havia recolhido muito jovem, e ferido, e ele havia feito amizade comigo, acompanhando-me para todas as partes, como um cão. Nunca se metia com os cachorros normais. Então um dia chegou um Inspetor de Vladivostok com um magnífico cachorro-lobo. Timour o degolou! Ao ver aquele outro animal parecido com ele, mas que não era da sua raça, a voz do lobo despertou nele, o grito da selvageria, a chamada ao assassinato, a destruição do que é estranho para nós, e entretanto, suprema injuria, parece conosco. A destruição do macaco, alferes, o macaco que é a criatura do diabo, feita à semelhança da criatura de Deus, o homem. De Deus, ou de Alá, se você for muçulmano.

A voz do lobo despertou em você! Enquanto havia visto os Elalouhinis, os Outros, unicamente pela televisão, sem nenhum contato real, não aconteceu nada. Mas ao encontrar-se com eles, o cheiro, talvez, estranho...

Michaud já não o ouvia. Com os olhos cravados na tela do telescópio, contemplava a astronave dos Elalouhinis que se distanciava, levando com ela um sonho impossível.